

I Congresso de Investigação – Universidade de Évora
13 e 14 de Maio de 2008

Sessão 1 – Perfil Investigador/Professor, contexto e reconhecimento institucional da actividade de investigação.

Christine Zurbach
Centro de História da Arte e Investigação Artística / UE

**Para uma caracterização da investigação artística
no âmbito universitário**

Resumo:

Dando resposta a mudanças significativas do estatuto e natureza das artes na sociedade contemporânea, a área das Artes entrou recentemente na Universidade, quer no ensino, quer na investigação. Todavia a sua inserção num quadro de tradições académicas já estabelecidas bem como o seu reconhecimento e legitimação ainda são fonte de questionamentos e dúvidas parcialmente suscitadas pela própria natureza e especificidade de tal domínio de conhecimento. No que respeita à investigação artística, destacam-se, entre outras problemáticas cuja reflexão se nos impõe fazer com urgência hoje: a definição e tipologia do objecto investigado; a metodologia para a investigação; a avaliação dos resultados.

No curto espaço desta apresentação de uma temática vasta e complexa, a da investigação artística no âmbito universitário, apenas tentarei alinhar elementos de uma reflexão que não pode deixar de ter as fragilidades de um trabalho *in progress*, portanto inacabado, e possivelmente ainda pouco aprofundado.

No entanto - e será essa a razão principal que me levou a usar deste espaço de palavra e debate em boa hora aberto na Universidade -, a pressão de certos dados empíricos, ou factuais, presentes concretamente na instituição desde há alguns anos, já levou o ex-Centro de História da Arte, sintomaticamente reformulado no Centro de História da Arte e *Investigação Artística* desde 2007, a assumir como inadiável (mas provavelmente também muito desejável, como veremos) o acolhimento da investigação em Artes no seu quadro de intervenção pautado até então pelo desenvolvimento e pela promoção da produção de um saber científico de nível avançado no campo da História da Arte.

I

Indo além da constatação de uma inevitável reparaçã, à primeira vista, do paradoxo consagrado (se bem que muito gasto, sem dúvida) que configura tal associação terminológica – artística / científica –, não podemos ignorar uma outra questão (certamente menos gasta porque quase nunca discutida de maneira séria no seio da academia) que tem, hoje, um peso consistente em tudo o que se prende com a promoção de programas de investigação com as respectivas condicionantes teórico-científicas e também técnico-financeiras, ou seja, a de saber como deverá (e poderá) ser entendido em termos institucionais o estatuto de uma investigação artística de âmbito universitário.

A resposta, qualquer que ela seja, não poderá ser dada sem uma abordagem da definição do objecto dessa mesma investigação, das suas características metodológicas e de uma responsabilidade não menos séria, a da sua avaliação respectiva.

Como é sabido, no que respeita à poesia, arte da palavra, Platão resolveu a questão com a expulsão da sua República dos indesejáveis mentirosos e construtores de ficções, em nome do verdadeiro e da razão...

Mas hoje, foi a própria instituição que decidiu abrir as suas portas à nova área das Artes, tendo Évora um lugar de destaque nessa opção: as Artes em Évora são ensinadas enquanto tais desde meados dos anos 90, quer a Arquitectura, quer as Artes Visuais, quer o Teatro, quer a Música. E esse mesmo ensino motivou a criação de novas áreas científicas, como novos campos de pesquisa, naturalmente inseridos e organizados hoje nas estruturas previstas para esse efeito, ou seja em unidades de investigação, já existentes (caso do CHA/CHAIA para o Teatro, a Arquitectura, as Artes Visuais e a Música e Musicologia) ou em fase de instalação (CIMM igualmente para a Música e Musicologia).

Importa deixar aqui dois apontamentos de natureza histórica que devem ser tidos em conta e que também se cruzam no caso presente. Dizem respeito à relação que acabo de referir entre ensino e investigação, em geral, com aplicação no caso presente.

No primeiro apontamento, recorro a um facto conhecido, retirado da história do ensino superior europeu, em que uma nova relação, construída no início do século XIX entre ensino e investigação surgiu como a transformação mais relevante da universidade herdada da tradição medieval na qual academias, lugares do saber e do seu progresso, e universidades, lugar do ensino e da difusão do saber, se opunham. Promovido por Humboldt, o modelo do professor-investigador visava dispensar as academias e “confiar o desenvolvimento das ciências unicamente às universidades, com a condição de as organizarem convenientemente”¹. Com os seus seminários de pesquisa e diplomas de doutoramento, a universidade prussiana institucionalizava a investigação no meio universitário.

Hoje, novas orientações (ou talvez não tão novas pelo que acabei de referir...), inscritas no quadro da reforma de Bolonha, não fazem senão reforçar esse mesmo modelo: não será mais concebível que uma formação avançada, de 2º e 3º ciclos, possa dispensar um vínculo efectivo à investigação realizada nas conhecidas unidades de I&D que estruturam as universidades actuais e nas quais o docente investiga, produzindo conhecimento.

O segundo, mais local e por isso legitimamente chamado para este debate, é após a criação, aqui já referida, dos cursos de Artes na nossa Universidade em finais dos anos 90, a sua consagração numa área departamental e futura Escola de acordo com os novos Estatutos em elaboração.

Iniciado com uma oferta de Licenciaturas, esse ensino recorreu a docentes-artistas, convidados enquanto especialistas nos domínios artísticos envolvidos, que trouxeram novos saberes com os seus respectivos modelos de ensino. Simplificando: o exercício prático na aula de Teatro, de Arquitectura, de Música ou de Desenho e Escultura, passou a ser parte integrante de um ensino em que a experimentação, vertente essencial na pesquisa do criador, se encontrava aqui integrada na formação artística como processo de busca permanente associada à inovação. O passo seguinte foi o

¹ Wilhelm von Humboldt, cit. in Yves Gingras, “Idées d’universités. Enseignement, recherche et innovation”, Actes de la Recherche en Sciences Sociales, “Entreprises académiques », n°148, juin 2003, Seuil, pp. 3-7.

vínculo de tais docentes já não apenas ao departamento de ensino, mas à unidade de investigação na qual a sua pesquisa pode ser prolongada, aprofundada e divulgada em múltiplas dimensões.

Mas, apesar de, em termos objectivos, se encontrar inserida institucionalmente graças à articulação entre unidades de ensino e unidades de investigação em que o docente-artista-investigador formaliza as suas diversas áreas de intervenção de dimensão universitária, a problemática da investigação artística não fica por isso, automaticamente, nem definida, nem consagrada no universo de uma investigação que se quer reconhecidamente científica ou a esta equiparada. Sendo que, de acordo com a organização dominante da investigação em Portugal, dificilmente será possível a um artista-docente obter o reconhecimento dado ao investigador fora do quadro da Universidade, admitindo também que o valor da investigação da(s) arte(s) e na(s) arte(s) no que respeita ao conhecimento estará no cerne dessa questão...

II

A dificuldade reside na clarificação do que é próprio da investigação artística que, apenas para facilitar a organização desta apresentação, propus desdobrar entre três problemáticas distintas, mas que dificilmente se poderão isolar umas das outras:

- definição do objecto (ou antes, que *objectos* para *que* investigação?),
- como abordá-lo(s), com que metodologia(s) (restando a saber se o objecto preexiste à investigação que sobre ele se pretende fazer ou se com ela se constrói, se modifica e transforma?)
- como avaliar a investigação artística, se em termos de respostas dadas ou através do acto crítico que torna visível a própria investigação?

Como vimos, a problemática que desenvolvemos aqui não pode ser isolada do contexto histórico recente em que as artes passaram a ser ensinadas e investigadas na universidade.

As artes de que falamos, produzidas e investigadas por artistas nossos contemporâneos, trazem marcas próprias de questionamentos, estéticos e ideológicos, associados a determinadas práticas artísticas nascidas na segunda metade do séc. XX.

São a expressão de mudanças que podemos testemunhar na concepção da arte e da sua relação com a sociedade, nomeadamente na recusa da representação e do valor comercial da arte, fazendo da experimentação o modo habitual de funcionamento da produção artística, dando a primazia ao *processo de criação* mais do que ao objecto ou à sua recepção. Ou seja, a actividade do investigador visa o que é por natureza pesquisa, enquanto acto de criação – de criação de objectos a serem submetidos à investigação.

Até então focalizada na História da Arte, um território com maior experiência e maior tradição académica, que privilegia o conhecimento predominantemente de natureza teórica de um objecto de estudo situado no passado, o trabalho de investigação artística, que não deixa de se inscrever no domínio multifacetado e abrangentes do estudo da arte, mas que se encontra agora sedado na nova área da Investigação Artística, modifica a relação com a teoria que não sustenta necessariamente a prática

nos termos em que uma investigação dita científica o faz, antes a subverte, integrando-a na própria pesquisa enquanto pesquisa *da arte*

Assim, a abertura e o alargamento da pesquisa no campo epistemológico do estudo das Artes, consagrados no caso preciso do Centro de História da Arte / e Investigação Artística na mudança da designação, dos estatutos e da equipa dos investigadores, resultaram *da e na* introdução de novos objectos e novos problemas, que reclamam novas abordagens.

Todavia, em termos metodológicos – métodos e objectos são dificilmente separáveis aqui -, e também de avaliação, se a relação entre tal objecto privilegiado de estudo e a investigação requer a introdução de novos paradigmas epistemológicos no quadro institucional de acolhimento, em particular nas práticas da investigação, também não pode dispensar a disponibilização de meios e de condições adequadas para que se possa desenvolver, de espaços-laboratórios em que ensino e pesquisa possam dialogar. Aqui as problemáticas são outras...

Quanto à avaliação, quer se trate daquela tradicionalmente entregue à denominada crítica da arte, quer se trate da avaliação associada ao trabalho científico (com tudo o que distingue um juízo da ordem do gosto e da subjectividade de uma contabilização objectiva de artigos e outros sinais), encontrará aqui uma oportunidade para reconfigurar o seu olhar e as suas práticas.

Se entendermos que, quando situada na investigação artística de âmbito universitária, a experimentação concreta toma o lugar da hipótese teórica, fazendo com que a própria criação possa surgir como a sua validação, a sua avaliação (crítica) apenas poderá ganhar legitimidade se for fundamentada numa concepção e compreensão das *poéticas* nas artes, como busca do *fazer consciente*. Apesar de reproduzir ou copiar o sintagma “investigação científica”, a designação “investigação artística” aponta para uma busca não tanto do que estaria oculto ou desconhecido, mas para uma actividade intelectual (ou outra) que visa a descoberta, a invenção, a progressão de novos conhecimentos, com novos objectos

Não posso deixar de sublinhar, no momento de conclusão deste alinhavar de reflexões programáticas, a importância, já referida no início, da articulação ensino-investigação no contexto actual e, sobretudo, futuro.

Nesse contexto, a investigação artística, e o seu respectivo reconhecimento institucional, surgem hoje claramente como um problema de política de educação e de investigação, ou até de política simplesmente – neste particular, da política seguida no domínio das Artes -, em pelo menos dois aspectos cruciais:

- enquanto portador de inovação na sua própria especificidade, o caso das Artes surge como um desafio lançado às instituições responsáveis pela sua promoção, às quais cabe regulamentar, apoiar e financiar toda a investigação;

- enquanto lugar e motor da produção e da difusão do conhecimento, a investigação artística sediada nas unidades de investigação deve constituir um forte contributo para a afirmação do lugar das Artes na sociedade contemporânea, sua destinatária privilegiada.